

O comboio da meia-noite

As saudades eram imensas. A partida para Vila Real ficava para depois da meia-noite devido aos constantes atrasos, mas já por volta das sete chegava a Santa Apolónia com o pensamento na minha terra. Na estação havia uma grande azáfama num vaivém de pessoas que carregadas com sacos, malas e embrulhos, se atropelavam. O chiar estridente das carruagens e toda aquela atmosfera contagiante funcionava como estímulo para uma longa viagem de doze horas. Quando entro no comboio sinto um silêncio que se adensa num sossego tão descansado como se ali fosse o fim da viagem. Ao meu lado vai um tipo de bochechas derramadas recortando para mim um longo sorriso. Já na estação de Vila Real há dois carros de praça.

Entre o carro do Lourenço e o do Varandas escolho o do Varandas porque tem umas linhas que não passam despercebidas. E chegar à terra numa “espada” sempre dá outra dignidade e importância. À entrada do palácio aguardam-me alguns familiares e curiosos. Dois ou três cães intrometem-se nas pessoas abanando os rabos sem saberem porquê.

A minha saída do automóvel foi feita com parcimónia para que aquela gente pudesse vislumbrar uma mala nova comprada na Lanalgo e um estojo de estética moderna onde dentro dele “morava” uma requinta evoluída para a época. Requinta emprestada pela Casa “Santos Beirão” na pessoa do senhor Armando. Todos os anos este senhor guardava o instrumento bem guardado fora do alcance de eventuais compradores. Antes de férias, a minha visita àquela casa era inevitável. Ele sabia ao que eu ia:” Já sei, queres a requinta” dizia-me com uma voz modulada, vagarosa e amiga.

O empréstimo tão pronto foi mais tarde justificado, dizendo-me que um filho seu fora atropelado num acidente quando ia tocar requinta na Banda da Carris. “E não é tudo” desabafava. “O meu filho Valdemar era a tua cara chapada e também tinha barbas ruivas”. Emocionei-me ao ouvi-lo e abracei-o forte como se ele fosse um pai carinhoso.

Neste fim-de-semana a banda tinha um serviço em Granja- Boticas. Eu como sempre vinha ajudar Mateus. Era mestre nesse ano o Sargento Queiroga. Com ele tinha uma relação de grande cumplicidade. Granja recebe a banda com farto fogo pirotécnico. O povo segue a arruada com grande animação, admirando o aprumo da marcha e o toque

que galvaniza. Antes do arraial era indiscriminável a vozearia, o movimento do povo e o som de instrumentos, como pífaros, flautas, tambores, realejos, gaitas-de-beiços, adufes, misturados com cânticos bem alegres e populares... pequenas rusgas percorrem o espaço do arraial, animadas de entusiasmo e bebida. Mais atrás uma patrulha a cavalo para manter uma certa ordem. O povo não quer perder nenhum dos mais intensos episódios do arraial, como seja um descante, um bailarico ou mesmo uma desordem...

Mesmo antes do concerto, perto do coreto, ouvia-se o arco de um violino a roçar pelas cordas num murmúrio lento quase inaudível e fúnebre. Esse fio de música ia engrossando, mais agudo e desamparado como um choro aflito. O homem que tocava esse instrumento quis mostrar ali mesmo a sua arte, conseguindo-o com aplausos avulsos de populares.

A multidão aglomera-se para ouvir a Banda de Mateus. Infelizmente não fiz o concerto porque minutos antes, uma menina atraída pelo brilho do instrumento sobe ao coreto e pega na requinta deixando-a cair, danificando-a. Fiquei inundado de tristeza. O mestre afagando-me a cabeça com protetora ternura diz-me.” Deixa lá, vai dançar com a minha sobrinha que ela não tem tirado os olhos de ti”. Aproveitei. Dancei a rapsódia “Festas e Romarias.” Para compensar, destinei o tempo restante admirando a banda, ouvindo-a atentamente. Já perto das 4, mendigos, desvalidos, bêbados e loucos viviam a festa como se ela tivesse começado naquele momento. Alguns ciganos com burros, mulas e cães rafeiros também faziam parte desse grupo.

Nesse mesmo dia é o meu regresso. Com boleia até ao Porto apanho o comboio da meia-noite para Lisboa O coração de quem viaja nunca sai do sítio onde nasceu. Mateus é o sítio. Lugar eterno.